

Entre uma casa cheia e a solidão do dormir: a prática do acalanto com crianças e adolescentes em acolhimento institucional

Raul Oliveira Jung¹

Milena da Rosa Silva²

Andrea Gabriela Ferrari³

Resumo

O artigo propõe reflexões sobre a prática do acalanto com crianças em acolhimento institucional. A música e sua relação com o dormir são eixo central na proposta de intervenção, que segue orientação teórica psicanalítica. O texto também aborda questões subjetivas e relacionais nas práticas de cuidado em ambientes institucionais. Os resultados se apresentam como efeitos subjetivos do acolhimento institucional em crianças e adolescentes, percepções das relações de cuidado nesses espaços institucionais e as contribuições da prática. Da análise dessas questões, identificou-se o acalanto como um potente elemento não só para os processos de preparação para o dormir, mas também para a elaboração do trauma da separação no contexto do acolhimento institucional.

Palavras-chave: Acalanto. Pulsão invocante. Acolhimento institucional. Infância. Próximo assegurado.

1 Psicólogo. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua como diretor na Divisão de Promoção de Saúde Discente da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFRGS (Porto Alegre, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2058-7614>. E-mail: raul.jung@prae.ufrgs.br.

2 Psicóloga. Doutora e mestra pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora associada do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia do Instituto de Psicologia e da Pós-Graduação da UFRGS (Porto Alegre, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1063-4149>. E-mail: mlenarsilva@hotmail.com.

3 Psicóloga. Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestra em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Docente do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do PPG Psicanálise: Clínica e Cultura da UFRGS, (Porto Alegre, Brasil). Pesquisadora membra do GT Parentalidade e Desenvolvimento Infantil em diferentes contextos da ANPEPP, desde 2014. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs) da UFRGS. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4262-3033>. E-mail: andreagaferfari@gmail.com.

Introdução

Este artigo é fruto de um projeto de extensão, que surge a partir de uma experiência de estágio em uma casa de acolhimento para crianças e adolescentes. Com um bebê chorando incessantemente no colo de um educador social, um estagiário de psicologia entoava uma canção de ninar acompanhada de um dedilhar no violão. Rapidamente, o bebê cessa o choro e adormece. Essa cena foi disparadora para a escolha do acalanto e da musicalidade como possibilidade de intervenção no contexto de acolhimento institucional. Após algumas conversas com a psicóloga do local e com a orientadora acadêmica, surge a ideia do projeto de extensão. Por meio de oficinas musicais no turno da noite, o projeto teve como objetivo inicial auxiliar as crianças na preparação para o dormir, momento conturbado na rotina do abrigo. A intervenção se estruturou a partir das características do acalanto (Cavani-Jorge, 1988) e pretendia contribuir não só para a elaboração da medida de acolhimento, mas também perceber eventuais efeitos de elaboração em relação às formas de cuidado. A relação entre o acolhimento institucional, a musicalidade e a psicanálise é abordada por Stahlschmidt (2007), que considera que atividades musicais podem auxiliar no estabelecimento de laços entre crianças e adolescentes e suas figuras de cuidado, minimizando riscos posteriores e decorrentes da experiência de rompimento de vínculos.

A articulação entre o contexto do acolhimento e a prática do acalanto tiveram como base a teoria psicanalítica. Partindo das relações de cuidado, passamos pelo dormir e avançamos para a voz e a musicalidade em sua relação com a pulsão invocante (Lacan, 1973/2008). Temos como objetivo refletir sobre a relação entre a experiência do dormir por crianças e adolescentes em acolhimento institucional e a sua relação com a oferta de atividades de acalanto.

O texto inicia apresentando o ambiente de acolhimento institucional onde as práticas foram realizadas, apontando sua relação com os objetivos da intervenção. Os aspectos metodológicos consideram as peculiaridades do ambiente e do público, ressaltando os avanços em relação às perspectivas e expectativas iniciais. Em relação ao percurso teórico, partimos da reflexão das relações de cuidado e da constituição psíquica a partir da voz e da musicalidade em uma circunscrição à prática do acalanto em contexto institucional. O registro das intervenções foi realizado em diários clínicos (Silva *et al.*, 2022), que são apresentados a partir do relato de experiência em sua relação com o percurso teórico e metodológico. Por fim, ressaltamos os resultados identificados a partir da intervenção e novas perspectivas em relação aos temas abordados no artigo.

O acolhimento institucional e suas particularidades

Crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional se deparam com a experiência do afastamento do contexto familiar e comunitário. Além dessa ruptura, passam a dividir a atenção e o espaço com pares em situação parecida. No turno da noite, o quadro de funcionários fica restrito e as demandas de cuidado se intensificam, visto que os processos de preparação para o dormir podem lembrar a ausência das rotinas e relações de cuidado

que ocorriam em âmbito familiar. Dessa forma, o momento de dormir pode ser considerado uma representação da separação ocasionada pela medida de acolhimento.

As casas de acolhimento, mais conhecidas como abrigos, são espaços de cuidado e moradia, quando ocorre a retirada do ambiente familiar e comunitário devido a uma determinação judicial ou medida de proteção emergencial por órgão de garantia de direito em âmbito municipal — o Conselho Tutelar. O trabalho dessas instituições é considerado de alta complexidade, haja vista que a vulnerabilidade em que se encontram essas crianças e adolescentes que foram vítimas de violação de direitos. O ambiente institucional difere significativamente do ambiente familiar, e a atenção singular se dilui na atenção coletiva, pois uma equipe restrita de educadores é responsável pelos cuidados do coletivo. Soma-se aqui o fato de esses espaços frequentemente trabalharem no limite de sua lotação, o que faz com que as tarefas rotineiras demandem, praticamente, todo o tempo das equipes.

Em pesquisas realizadas no contexto do acolhimento institucional, Stahlschmidt (2007) identificou que bebês em acolhimento apresentam dificuldades no estabelecimento de laços com as figuras de cuidado, assim como costumam apresentar déficits em relação ao desenvolvimento esperado para a idade. Dessa forma, a autora reforça a importância de atividades musicais destinadas a esse público como forma de contribuir para essas questões.

Ritmos metodológicos e percepções do ambiente

A metodologia proposta foi a da pesquisa psicanalítica, na qual pesquisador e objeto se encontram implicados mutuamente em uma perspectiva criativa na relação entre pesquisador, público e intervenção (Silva *et al.*, 2024). Conforme referido anteriormente, o presente trabalho analisa uma intervenção realizada como projeto de extensão universitária. Tal intervenção nasceu de uma experiência de estágio, mas a entrada como intervenção em um contexto de alta complexidade exigiu adaptação, flexibilidade metodológica, ética e cuidado. Partindo da implicação dos pesquisadores com a música, com a psicanálise e com o trabalho em acolhimento institucional, muitos deslocamentos se produziram. Durante as intervenções, os ajustes metodológicos permitiram que a escuta fosse qualificada e ampliada.

Os encontros ocorreram semanalmente, no turno da noite, durante dez meses, com duração de mais ou menos três horas cada um. A oficina era conduzida por doisicineiros, um deles violeiro e o outro contador de histórias, que alternavam na apresentação dos conteúdos e na interação com as crianças. Os educadores sociais contribuíam para a dinâmica da casa e continuavam com a rotina estabelecida. O momento da iniciativa com uma breve interação seguida de um momento musical na sala de estar, com canções mais interativas e contação de histórias, enquanto ocorria a escovação de dentes e a organização dos quartos. Na parte final da atividade, já no quarto, as crianças se acomodavam em suas camas e eram entoadas as canções, em formato voz e violão, de forma suave e cíclica, considerando as características do acalanto (Cavani-Jorge, 1988).

As impressões e situações vivenciadas foram registradas pelos extensionistas-pesquisadores por meio de diários clínicos (Silva *et al.*, 2022), escritas após cada atividade e discutidas em reuniões com as orientadoras locais e acadêmicas. Esses diários foram o

material analisado para o presente trabalho. Assim, o trabalho se estruturou em três tempos: primeiro, o da intervenção com o acalanto no abrigo; segundo (embora cronologicamente concomitante ao primeiro), a escrita dos diários; e terceiro, a análise dos diários e discussão com a literatura para a produção da presente escrita. Tal proposição metodológica nesses tempos foi baseada em Silva *et al.* (2022).

Silva *et al.* (2024) abordam a dimensão do encontro para a pesquisa psicanalítica, compreendendo o objeto de pesquisa como realização a ser compartilhada, sendo ampliada para além da apreensão factual ou projeção do pesquisador. Assim, a transformação produzida pela intervenção no contexto da pesquisa também opera na relação do pesquisador com o objeto. Nesse sentido, reforçamos a implicação mútua de criação no contato de pesquisador, objeto, ambiente e público-alvo em sua indissociabilidade. Nesse ritmo de movimentos entre pesquisador, objeto e campo, identifica-se um potencial criativo, tornando possível uma construção de conhecimento implicada. Além disso, reconhecemos a intervenção como não neutra, parcial e focada no seu contexto, a fim de evitar a produção de lógicas universalizantes. Sendo assim, seguindo a linha apontada por Silva *et al.* (2024), a construção metodológica e a posição dos pesquisadores apostou no encontro singular e em sua potência como troca e produção de conhecimento.

A constituição psíquica do sujeito a partir da voz e a relação com a musicalidade

Didier-Weill (1997, 1999), Stahlschmidt (2008) e Vivès (2009) trabalham a relação da constituição do sujeito psíquico com a voz e com a musicalidade. Essa relação vai além da nutrição, pois o tato e a audição já estão desenvolvidos meses antes do nascimento, sendo a audição o contato com o mundo externo. O ritmo cardíaco, os fluidos internos, o balançar e outros sons, principalmente a voz materna, já se fazem presentes na existência do feto. No momento do nascimento, essa complementaridade é — em certa medida — rompida, o que é bem representado pelo corte do cordão umbilical. Contudo, para que a vida seja mantida, o recém-nascido precisa de alguém que o ampare. Freud (1895/1996) aponta a figura do *Nebenmensch*, expressão traduzida por Laznik (2000) como próximo assegurado, quem, ao mesmo tempo que sustenta a relação de continuidade, também representa a primeira alteridade. Assim, é também a partir de uma relação de cuidado que se recobre a experiência de corte. Essa dualidade será perceptível nos elementos do acalanto. Esse corte, como demonstrou Freud em “*Inibição, sintomas e ansiedade*” (1926/1996), é considerado um evento fundante, porém traumático, o qual será atualizado ao longo da vida, sendo, portanto, um eterno processo de elaboração. No mesmo texto, Freud também aborda angústias relacionadas com o dormir e a relação com a separação.

Pensando na perspectiva de que a elaboração do corte é um processo contínuo e que se inicia após o nascimento, esse movimento começa já nos primeiros momentos de um bebê. Ao sair do útero e passar a receber uma infinidade de estímulos novos e diferentes, a criança busca um retorno ao estado anterior. Assim, a voz, o afago, o embalo rítmico são elementos que propiciam ao bebê rememorar o estágio de gozo intrauterino, ao mesmo tempo que acompanham a gradual elaboração de sua perda.

Para Lacan o bebê encontra seu lugar na falta do Outro desejante, porquanto é o desejo desse Outro que imprime as primeiras marcas, ou traço unário, no corpo do bebê. O traço unário é a relação mínima entre o eu e seu objeto, a estrutura mais elementar e está na base do significante (Catão, 2009, p. 225).

Para Catão (2009), o bebê é atraído pela voz do Outro primordial endereçada a ele. As características dessa voz, como ritmo e traços melódicos, representam algo de seu próprio gozo. Para a autora, seriam justamente esses aspectos que atrairiam a atenção do bebê. Assim, mesmo que o *infans*, como aquele que ainda não fala, não seja capaz de entender o sentido da enunciação, seria capaz de antecipar a direção do sentido por meio da prosódia contida na voz do próximo.

A relação de cuidado reverbera também no próximo assegurador. Ao deparar-se com a experiência do *infans*, rememora sua falta fundante e acaba, em seu devir, por reelaborar seu trauma, incorporando novos significantes. Ao responder ao grito/choro do filho, atende ao pedido que também é seu. Assim, as experiências da relação de cuidado são significativas, na medida em que ambos se apresentam e se deparam com sua semelhança: a falta.

Em uma aproximação ao objeto voz e à pulsão invocante na constituição do sujeito, partimos da releitura feita por Lacan (1973/2008) sobre o conceito de pulsão, que trouxe contribuições, bem como diferenças significativas, na concepção de constituição psíquica do sujeito. Para o autor, o campo pulsional é um campo de significações que sobrepõem o campo biológico, estando ligadas à linguagem. Segundo Lacan (1973/2008), “Nenhum objeto de nenhum *not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão . . . essa boca que se abre no registro da pulsão — não é pelo alimento que ela se satisfaz” (p. 160). Mesmo antes de nascer, o bebê é marcado por nomes e imagens. Entende-se, portanto, que o ser humano nasce envolvido pela linguagem, aqui explicitada como produção simbólica, isto é, a capacidade de emprestar significantes para representar a realidade. Depois do nascimento, abrem-se outras possibilidades de nomeação, ao mesmo tempo que se apresentam os limites do corpo do bebê. Além disso, perpassam a história geracional dos pais e a cultura na qual estão imersos.

Ao descolar a origem do campo pulsional das zonas erógenas, Lacan introduz outros objetos como fonte das pressões exercidas pelas pulsões. Atenta para a importância do olhar e da voz no desenvolvimento do aparelho psíquico, mediante a elaboração de dois conceitos fundamentais: pulsão escópica (olhar) e pulsão invocante (voz), as quais colocam como objetos causa de desejo. Freud aborda brevemente em *Os instintos e suas vicissitudes* (1915/1996) a relação do olhar com o circuito pulsional, ao exemplificar no sadomasoquismo a alternância objetal. Lacan (1973/2008) aprofundou-se sobre a relação escópica, formulando a teoria do estágio do espelho, e deixando poucos escritos sobre a voz. No entanto, descreveu a pulsão invocante como “a mais próxima da experiência do inconsciente” (p. 102).

Vivès (2009) propõe que a invocação do Outro, dada pela voz, faz com que o significante entre no real e produza o sujeito como efeito de significação, sob a forma de resposta — “a voz do Outro invoca o sujeito, sua palavra o convoca” (p. 196). Para advir o *fallasser*, como aquele que fala, é preciso que haja uma perda do real da voz, timbre originário, criando a possibilidade de o sujeito vir a ter sua própria voz. Para o autor, o trabalho da significação ensurdece o real do som “a palavra faz calar a voz, esburaca o corpo, marcando o ser vivo” (p. 196).

Ao entrar em um novo mundo que ultrapassa a relação de continuidade com seu primeiro próximo, a criança ingressa no mundo dos significantes e a palavra o convoca a advir como sujeito. É a resposta ao grito, inicialmente “choro”/puro, que o torna “pedido”/para. É nesse momento que a voz deixa seu caráter alienante para tornar-se objeto pulsional, objeto *a*. Vivès (2018, 2019) define o ponto surdo como um lugar intrapsíquico em que o sujeito se torna surdo para poder falar, sem saber o que diz, como sujeito do inconsciente. Como condição à constituição desse lugar, o autor coloca a experiência de ressonância com o timbre originário, efeito da pulsão invocante.

Ao deter-se sobre o conceito de pulsão invocante, Catão (2005) divide em dois momentos a função da voz para o bebê: primeiro, correspondente à operação de alienação, a voz tem valor como prosódia e musicalidade; num segundo momento, inaugurada pela operação de separação, a voz constitui-se como objeto *a* da pulsão. Essa divisão auxilia-nos a perceber a ambivalência da voz, bem como a dificuldade de traduzir em palavras o real som da música. O circuito pulsional torna a voz objeto, mas não a circunscreve, mantendo-se como sobra, fora dos limites da palavra.

Interessante, também, pensar que a estruturação do ritmo musical contém em si representantes da alternância presença/ausência. Para Carvalho (2012), o *infans* teria uma apetência rítmica a ser realizada de diversas formas, cuja saída seria a palavra pronunciada em um ritmo dialógico entre o sujeito e o outro. Para a autora, “o *fort-da* também é rítmico e ritmante” (p. 292). Poderíamos reler o texto de Freud (1920/1996) sobre o *fort-da* também nessa perspectiva do ritmo como presença e ausência de som, enunciação. Essa alternância inaugura, juntamente de outros processos, a realização do corte da pura continuidade vocal, por intermédio do chamado ponto surdo (Vivès, 2009). É essa surdez estrutural que produz a pausa, o silêncio.

Azevedo (2008) ressalta o momento do corte, da pausa, do silêncio como representantes do “recalcamento originário” (Freud, 1915/1996), que inaugura o sujeito com voz própria. Entende-se esse processo como a elaboração de um ponto surdo (Vivès, 2009) responsável por recalcar a voz alienante a partir do silêncio, abrir espaço para a voz do sujeito. O autor, ao traçar um paralelo com o ponto cego, conceitua esse ponto no qual o sujeito possa “esquecer-se” que é receptor do timbre originário para falar, emitir. A aquisição do ponto surdo é que permite ao sujeito, já nesse momento barrado, vir a ouvir, e falar. O som que antes invocava o sujeito, agora pela palavra, o faz invocante. Azevedo (2008) propõe a voz como limite entre o sujeito e o Outro

Contudo, o princípio da pulsão invocante mostra que “o sujeito do inconsciente não esqueceu que, para tornar-se invocante, foi preciso tornar-se surdo à pura continuidade vocal do Outro” (Vivès, 2009, p. 198). Essa voz primordial invoca o sujeito a reatar com o arcaico, tempo em que o desejo não havia sido instaurado. Não obstante, mesmo tornando-se surdo a essa continuidade vocal, o encantamento permanece na condição de recalcado, podendo advir a partir de uma situação que o convoque. É importante que o corte possibilite o ingresso do sujeito no simbólico.

Para Vivès (2018), a musicalidade teria o efeito de aproximação em relação a esse momento mítico da continuidade. Para o autor, a experiência musical teria o efeito de “comemoração

inconsciente desse instante mítico, no qual o sujeito se viu arrancado do caos pelo encontro com a voz do Outro, permitindo-lhe adquirir a própria voz” (p. 27). Nesse contexto, aproximamos a musicalidade como efeito da pulsão invocante em sua potência em ser a mais próxima da experiência do inconsciente, conforme apontado por Lacan (1973/2008). Dessa forma, em uma associação entre musicalidade e cuidado, considera-se que o acalanto tenha a capacidade de tocar-nos tão profundamente a ponto de levar-nos a um sentimento visceral — da ordem do indizível. Nesse momento, a sensação de completude se atualizaria como comemoração.

Identifica-se que o acalanto ultrapassa a canção de ninar. Segundo Cavani-Jorge (1988), a prática tem como base um momento da história da relação do bebê com o cuidador, geralmente a mãe, no qual ambos estão na intimidade do quarto. Ocorre à noite, diante de um dos grandes medos da criança, o escuro. Para a autora, mais do que uma canção e um afago, o acalanto é uma prática complexa, na qual se misturam embalo ritmado, lento, afagos, com uma melodia simples e repetitiva, agradável e cantada em tom muito delicado, sussurrante. O texto do acalanto também apresenta características peculiares, como a exaltação narcísica da criança, afastamento dos pais, proteção divina ou familiar diante de perigos indeterminados, míticos e nem sempre nomeados. Os seus efeitos são no sentido de contribuir para que o cuidador e a criança elaborem a separação e a solidão, em uma busca por exorcizar os perigos que tentam separar mãe e filho.

Dessa forma, o acalanto atuaria em dupla perspectiva: na angústia pela castração e na falta da castração, processo representante do recalamento originário. Em seu conteúdo, contém aspectos relacionados ao ser humano, como a solidão, a morte, a ilusão da completude, a interdição do incesto, a proteção de alguém mais poderoso. Para a criança há o processo de elaboração do recalamento, trauma da separação do corpo materno. Cavani-Jorge (1988) reforça que a elaboração diária do sono é também permitir a elaboração do recalamento originário. A relação entre melodia doce e tema denso propõe a elaboração do desejo de complementaridade em um nível imaginário. Podemos falar de um fantasma de completude, presente nas figuras parentais, que fornece o conteúdo dos acalantos. As temáticas abordadas nessa prática traduzem um processo de elaboração para os cuidadores, o que é visível ao acalantar bebês que ainda não ingressaram no plano simbólico.

Esse próximo assegurador, que responde ao grito do *infans*, tem um caráter diferenciado. Sua voz tem efeito em nível real no psiquismo do bebê. Sobre o processo de separação com o assegurador, Cavani-Jorge (1988) aponta que:

Tal relação excede o limite do contato físico, da amamentação, da compensação à prematuridade biológica do bebê; porque a mãe é mais do que um objeto de amor ou de agressividade; a mãe é para o filho o suporte de um fantasma. É assim que a função materna consiste em significar para o filho o que é o Falo: relação de pura fruição narcísica, de natureza especular onde ambos se espelham cada um no olhar do outro, dessa identidade imaginária surge a relação de complementaridade pela qual cada um é o que falta ao outro (p. 65).

A resposta por meio do acalanto propõe uma forma de elaboração dessa separação. Didier-Weill (1997) complementa indicando que as músicas atuam como elementos capazes de escutar o sujeito em seu apelo, para que venha a ser o que ainda não é. A criança que pede

auxílio reconhece em seu próximo a possibilidade de compartilhar sua morte narcísica, a morte da complementaridade primordial, vivida no momento intrauterino. É na hora de dormir que a situação de separação real em relação aos pais ou cuidadores se evidencia. Esse momento de dormir se apresenta como um processo de rememoração da separação originária, que tem como protótipo originário o nascimento.

Diferentes formas de abordar os medos antes de dormir estão representadas em figuras folclóricas em diversas culturas. Exemplos disso são figuras como boitatá, homem do saco, bicho-papão e cuca, presentes na cultura brasileira. Mudam-se as figuras e os nomes, mas encontra-se produções como essas por todo o mundo. Ainda, o sono pode ser considerado como a morte narcísica; “dormir é cerrar os olhos, não ver, não se ver visto. Não se ver visto é a morte narcísica” (Cavani-Jorge, 1988, p. 38).

Aproximando o conceito de ponto surdo com o acalantar e o contexto do acolhimento institucional, ressaltando a importância da função de cuidado, Stahlschmidt (2007) diz que nas relações de cuidado em contextos institucionais é necessário permitir-se ter o coração roubado pelo bebê, possibilitando que significantes da própria história daquele que cuida possam ser emprestados a ele.

Interessa pensar a relação do medo de dormir com a constituição do sujeito psíquico, entendendo o dormir como uma rememoração da separação real em relação à complementaridade. A temática do horror se apresenta, então, como um pedido de acalanto, de auxílio na elaboração da solidão apontada pelo dormir. O medo seria, em ato, uma forma de manter os pais ou cuidadores presentes até o cair do sono. Em acolhimento institucional, entende-se que, no momento de dormir, a essas questões ainda se soma a rememoração da separação causada pela medida de proteção.

Entre a casa cheia e a solidão do dormir

A seguir, passamos a apresentar, com base na análise dos diários clínicos, como se deu a intervenção a partir do acalanto e a relação com as particularidades do acolhimento institucional. O relato de experiência focou as relações de cuidado no contexto do abrigo, a relação das crianças e adolescentes com o dormir e com a separação do contexto familiar. Buscamos identificar e apresentar a forma como as características do acalanto e os efeitos da voz e da musicalidade reverberaram nas crianças, adolescentes e equipes.

Ao iniciar as atividades, logo percebemos que os primeiros dias de acolhimento de uma criança costumam ser bastante difíceis, em função da chegada em um espaço estranho e, principalmente, pela separação das figuras de cuidado. Novos ingressos, transferências e desligamentos também implicavam a dinâmica da casa, podendo gerar conflitos ou um ambiente mais agitado. Os educadores sociais dividiam-se em três plantões, com dois ou três adultos por turno. Durante a noite, o trabalho era complexificado pelo fato de não haver equipe técnica e de apoio, o que tornava a noite um momento mais solitário e angustiante, tanto para os educadores quanto para as crianças.

Percebendo que o local mudava a cada nova intervenção, fosse pela alternância das crianças participantes, fosse pela dinâmica da casa, havia a necessidade de uma sensibilidade

em relação ao contexto. Esse cuidado proporcionou uma interação mais produtiva com as crianças, entendendo um pouco mais sobre as relações no ambiente institucional e proporcionando trocas mais ricas em relação ao vínculo com a proposta. No princípio, tínhamos a suposição de que um ambiente silencioso seria mais propício para a vivência da prática do acalanto. Contudo, o decorrer do trabalho fez emergir a relevância e a riqueza das enunciações das crianças durante a atividade.

A ambivalência entre o ambiente coletivo e a solidão como demanda de atenção individualizada era uma constante nas intervenções. Ao entrar no espaço da sala de estar, osicineiros eram rodeados de crianças e adolescentes pedindo abraços, colos, conversas e fazendo perguntas. Identificamos, inicialmente, esses comportamentos como uma reação à novidade que a presença dessas novas pessoas produzia no ambiente. Pensamos que esse momento inicial tenderia a arrefecer com a continuidade dos encontros, entretanto, com o passar do tempo, percebemos que as crianças e adolescentes mantiveram essa demanda. Identificamos que essa questão poderia estar associada à função representada pelosicineiros como acolhedora e disponível, possivelmente em decorrência da escassez dessas experiências no contexto institucional.

Outra percepção foi a de que alguns educadores se apresentavam com um perfil mais rígido na relação com as crianças e adolescentes. Mesmo considerando essa postura necessária em alguns momentos, consideramos que apresentamos também outras relações de vínculo e cuidado que talvez não estivessem no repertório da equipe. Assim, uma das contribuições do projeto também foi ampliar as possibilidades de vinculação dos educadores com as crianças e adolescentes. Essa proposta foi percebida como muito positiva por termos conseguido trabalhar com as crianças e adolescentes a partir de uma dinâmica calma e propositiva. Buscamos transmitir as características do acalanto de diferentes formas no contexto da intervenção.

Muitas crianças visitavam seus familiares ou cuidadores no fim de semana. Assim, era comum que as crianças estivessem mais agitadas nos dias que antecediam e sucediam as visitas domiciliares. Como as intervenções ocorreram em dias variados da semana, foi possível perceber as peculiaridades em relação ao início, meio e fim da semana. Essa percepção contribuiu no sentido de entender que as reações ou dinâmicas coletivas nem sempre eram respostas à atividade. Essa leitura do ambiente e dos ciclos da semana foi fator importante para os assuntos que eram abordados entre as histórias e canções.

Com a repetição das intervenções, percebemos que o grupo, mesmo composto por novos integrantes, passou a compreender e interagir com a proposta metodológica da atividade. Isso contribuiu para as rotinas e dinâmicas da casa, pois o momento que costumava ser muito agitado passou a contar com uma energia e atmosfera mais calma e tranquila. Além de operar melhor, devido à previsibilidade do que iria acontecer, foram abertos mais espaços de cuidado individualizado para quem mais necessitava.

Durante a parte da atividade realizada no quarto, fomos identificando a relação das crianças e adolescentes com o dormir. Muitas eram as reações sobre esse momento. A agitação motora, como o comportamento de sair da cama, ir até o banheiro e se agitar na cama eram muito frequentes. A relação com o fechar dos olhos e com o escuro também foram temas de conversas entre as canções. Muitos demandavam alguma luminosidade no ambiente ou então

era perceptível o esforço para permanecer nos olhando, mesmo que houvesse o convite para participar com os olhos cerrados.

Os efeitos da música e de seus temas também foram perceptíveis de maneiras muito interessantes. Houve um momento em que a ambivalência entre a melodia doce e o tema denso apareceu em uma enunciação de uma criança que percebia a música como triste e que a convocava a chorar quase imediatamente, acompanhada da sua oposição como percepção de uma música linda e um pedido para que tocasse mais. Reações de choro constante e demanda de atenção individualizada também aconteciam com frequência. Nesse sentido, havia uma divisão de tarefas entre os oficineiros, na qual um permanecia mantendo o entoar das canções de ninar enquanto o outro trabalhava outras características do acalanto, como o afago, o embalo ritmado, a relação especular e a atenção individualizada.

Logo nas primeiras atividades, foi possível identificar uma reação, ora individual, ora coletiva, do que nomeamos como boicote. A leitura inicial era de uma rejeição à nossa presença, à temática da atividade ou então ao próprio espaço. O boicote era realizado pela emissão de sons, falas depreciativas, queixas, entre outras. Consideramos a possibilidade de que o conteúdo pudesse ser “infantil demais” para crianças a partir de oito anos, mas, por outro lado, tínhamos adolescentes de 12, 13 anos que aproveitavam e gostavam muito das oficinas. Dessa forma, passamos a buscar entender esse comportamento. Uma das percepções importantes foi a de que o boicote se distanciava significativamente da indiferença, pois havia a preferência pela permanência na atividade. Assim, passamos a considerar o boicote como resistência ao dormir ou como resistência em relação à vinculação proposta pela intervenção. Uma cena interessante dessa relação foi a competição estabelecida por duas crianças, na qual quem suportasse mais tempo acordado ganharia. Em uma aparente oposição em relação à proposta da atividade, o mais curioso foi que ambos adormeceram sem poder perceber quem havia ganhado a disputa.

Muitos casos de acolhimento têm relação ambígua entre o afeto e a violação de direitos. Por vezes, as relações de cuidado estão preservadas, mas há vulnerabilidade em âmbito material. Em outras ocasiões, há uma relação ambivalente por parte dos responsáveis entre afeto e violência. Assim, ao se deparar com o acalanto, as crianças e adolescentes acabavam rememorando as relações de cuidado. Sem conseguirmos associar diretamente as relações entre os sentimentos despertados e suas causas, percebíamos o despertar de muitos sentimentos com a experiência do acalanto. Essas formas de vivenciar e sentir diante das intervenções passaram a ter respostas mais sensíveis e direcionadas para trabalhar os processos de elaboração identificados. Histórias e canções eram reeditadas com improviso, utilizando os nomes e situações trazidas como forma de, ao receber as características do acalanto, oferecer novas formas de interação com temas complexos.

Diante da percepção de que muitas crianças e adolescentes desejavam falar após as músicas e histórias, passamos a integrar momentos de pausa e de escuta para que pudessem compartilhar a forma como haviam sido tocadas pela experiência do acalanto. Também era o momento no qual oficineiros e educadores enunciavam suas reflexões e percepções, em uma troca horizontal. Esses espaços projetivos, que tinham como pano de fundo a paisagem sonora e o tema das histórias e canções, permitiam um espaço seguro para que as crianças e

adolescentes transitassem por elementos e temáticas ainda não elaborados. Nessas pausas, os temas do acolhimento, das relações familiares, do afastamento de pares, entre outras, vinham à tona, muitas vezes apoiadas ou pareadas nas narrativas trazidas como acalanto.

Outras expressões pareciam ultrapassar o registro da palavra, passando diretamente para episódios de choro, gritos, gestos e saídas intempestivas do ambiente da atividade. Nesse sentido, identificamos que havia a necessidade de operar com a dimensão do corpo, do ritmo e do tempo. Uma situação muito interessante foi uma criança muito agitada durante boa parte da atividade. Inicialmente, havia a tentativa de interromper esses episódios rapidamente, buscando dar conta da angústia manifestada e também pela dinâmica do coletivo. Com o passar do tempo, percebemos que alguns processos levariam mais tempo e optamos por manter os calmos e repetitivos ritmos do acalanto. Passamos a suportar essas reações e permitir o tempo de elaboração. Essa abordagem ficou evidente em um episódio em que uma criança bem pequena passou quase toda a atividade manifestando muito choro e agitação corporal. Osicineiros mantiveram a proposta da atividade, deslocando atenção individualizada para as demandas. Ao choro eram devolvidos sussurros, ao corpo eram devolvidos o afago suave e o embalo cíclico. Ao final, a criança passou a brincar de um esconder-se e mostrar-se com o olhar pelos espaços da estrutura do berço. Após alguns movimentos de presença e ausência de contato visual, deitou-se na cama e adormeceu.

Outro momento muito especial das atividades que representou a vinculação com o projeto foi quando uma criança compartilhou suas preocupações com osicineiros durante as atividades. Perguntou como iriam para casa e disse que estava preocupada por existirem ladrões na rua. Convidou osicineiros para dormir na casa e voltar somente no outro dia. Essa troca de cuidados e essa disponibilidade identifica o lugar que a atividade passou a ter na casa. Percebemos que não só o conteúdo, mas também toda a ambiência proposta pelo acalanto permite uma abertura de espaços subjetivos e da produção de lugares de cuidado.

Por fim, houve também muitos momentos potentes de trocas com as equipes de educadores. Havia uma resistência inicial por parte das equipes, por considerarem a atividade como uma a mais na extensa lista de tarefas que já executavam cotidianamente. Com a recorrência das atividades, os laços foram se estreitando e a atuação ficou mais fluida e articulada. Ao mesmo tempo que alguns educadores utilizavam o aumento de adultos na casa para tarefas de cuidado e de rotina, como banhos, deveres de casa e escovação de dentes, outros se interessavam em participar da atividade. Os educadores foram muito relevantes nos momentos em que a atividade ficava muito agitada por assumirem a função de estabelecimento de limites e regras, deixando aosicineiros a ocupação da relação mais afetiva e de diálogo. Avaliamos que essa divisão de papéis contribuiu para a relação com as crianças e adolescentes, pois as funções ficavam encarnadas em adultos diferentes. Passamos a dialogar mais com os educadores e também a entender em que lugar esses conteúdos relacionados ao acalanto estavam em suas próprias histórias. Esse efeito do acalanto em dupla perspectiva, também operando em quem está no lugar de cuidado, foi enunciado pelos educadores nessas trocas. Em momentos mais interativos, traziam também histórias e canções de suas memórias para compartilhar com as crianças e adolescentes. Entendemos que essa troca e essa disponibilidade em oferecer referências pessoais contribuiu para o fortalecimento de vínculos e compreensão mútua.

Durante momentos posteriores de contato com a casa de acolhimento onde ocorreram as intervenções, foi possível perceber as marcas da atividade nas crianças e adolescentes, equipes e na cultura da casa. As melodias doces do acalantar contrastaram com a dureza da instituição de acolhimento, que recebeu alguns tons e alguns sons a mais como práticas de cuidado. E assim, a solidão teve o seu espaço para ser compartilhada por meio da forma como cada canção e cada história reverberava na história de cada criança e de cada adulto. Na casa cheia, cada criança e cada adulto pôde achar o seu próprio canto, pela forma como as histórias e as canções se acomodavam em suas vozes e trajetórias.

Considerações finais

A relação de elaboração das operações de alienação e separação disparadas pelo momento de dormir e a experiência de crianças e adolescentes em acolhimento institucional formam um contexto potente para reflexões acerca das relações de cuidado nesses ambientes. Ao considerarmos os aspectos subjetivos apresentados e sua relação com complexidades e limites do ambiente institucional, identificamos que as intervenções com a temática e elementos do acalanto se articulam no sentido de contribuir para as especificidades nas demandas de crianças e adolescentes pelas figuras de cuidado. Ressaltamos que essas questões podem ter sido fragilizadas com maior intensidade no contexto de violação de direitos que precedeu o acolhimento. Essas questões se somam à elaboração da experiência de ruptura dos vínculos familiares e comunitários produzida pelo abrigamento.

O medo de dormir se apresentou em uma complexa associação ao processo de elaboração da medida de acolhimento. O cerrar os olhos como corte da relação especular com o próximo assegurador se misturava com a real ausência dos vínculos familiares. Assim, as tradicionais histórias e canções de ninar se misturavam às próprias histórias de separação das crianças e adolescentes acolhidos. Na relação entre o acalanto e o horror, a musicalidade oferecia uma paisagem sonora, como uma cama, que permitia enunciações, ora literais, ora apoiadas em personagens, que representavam a separação.

As respostas intempestivas e não associadas às narrativas demonstravam a impossibilidade de elaboração simbólica naquele momento, apresentando-se como visceral, indizível. O corpo, o choro, o grito e outras sutis manifestações passaram a ser acolhidas como tempo de elaboração e suportadas por meio de outras características do acalanto, como o embalo ritmado, o afago e o sustentar do olhar. Essa reação não ancorada no registro da palavra foi interpretada como efeito da pulsão invocante como sua potência de aproximação com a experiência do inconsciente e em sua convocação a elaborar e ancorar na palavra os processos de alienação e separação. Identificamos, ainda, que nem sempre as relações de cuidado oferecidas no acolhimento representavam o que se propõe como próximo assegurador. Assim, para muito além das necessidades básicas, o acalanto ofereceu outras camadas relacionais às crianças e adolescentes. Percebemos que as intervenções puderam compor o cuidado oferecido pelo abrigo com esses outros elementos subjetivos e constitutivos. As intervenções tiveram o efeito de acolher as vozes das crianças e adolescentes, muitas vezes

silenciadas, em seus diferentes apelos e, por meio do acalanto, acomodá-las e endereçá-las como lugares valiosos de enunciação.

O acolhimento institucional convive com a literalidade do processo judicial. Seus espaços coletivos invisibilizam as singularidades. O abrigo como instituição total e sua associação com o Outro se apresenta como assunto para outro percurso, mas há algo na continuidade-totalidade da experiência no acolhimento institucional que implica a infância. Os gritos, sempre presentes no ambiente, formavam uma pura continuidade, porém sem um próximo a acolher e a transformar em um pedido. Por meio da voz e da musicalidade, foi possível esburacar essa concretude e criar uma espécie de ponto surdo, no qual as crianças e adolescentes puderam ensurdecer à totalidade da experiência do acolhimento para emitir. A abertura de silêncios entre histórias e canções operaram como convocação para esses sujeitos advirem com suas próprias vozes e como protagonistas de suas histórias.

Assim, a oferta da prática do acalanto em acolhimento institucional se mostrou uma intervenção muito potente não só em nível individual e coletivo para crianças e adolescente acolhidos, mas também como possibilidade de atenção e cuidado na atuação das equipes. Ao longo das intervenções, foi possível construir um espaço de enunciação e de elaboração em relação às violências que produziram o acolhimento e também sobre as vivências do ambiente institucional. Concomitantemente, identificamos que a prática proporcionou efeitos também nos educadores em sua relação como figuras de cuidado. As visitas semanais em dias alternados produziram um ritmo interessante e variado, entretanto ainda restaram impressões de que a intensidade da vida institucional era capturada em fragmentos pelos extensionistas-pesquisadores.

Por mais que o objetivo final fosse o dormir, os efeitos do acalanto eram identificados também por meio das falas das crianças, que expressavam suas angústias ou sentimentos, muitas vezes mascaradas por birras, boicotes, brincadeiras e até xingamentos. Conforme Elia (2007), a intervenção, levando em conta a perspectiva do dispositivo psicanalítico ampliado, além dos efeitos no sujeito, tem potência de promover mudanças nos contextos em que os sujeitos estão inseridos. Os contatos posteriores no mesmo espaço mostraram as marcas deixadas nas crianças, nos educadores e na cultura do abrigo.

Considerando a circunscrição das intervenções ao contexto do acolhimento institucional, restam interrogações sobre como a musicalidade vem se atualizando e produzindo efeito nas relações de cuidado, tanto em contextos familiares quanto em espaços institucionais. Além disso, como perspectiva futura, consideramos que a perspectiva psicanalítica da voz e da musicalidade também pode ser interessante e potente em outros contextos institucionais como políticas para a educação básica e serviços de saúde mental.

Referências

- Azevedo, R. M. (2008). *A voz como objeto a e a separação do sujeito frente ao Outro*. In *Trabalhos completos de mesas redondas do III Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e IX Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental*, Niterói, RJ, Brasil.
- Carvalho, G. M. M. (2012). O ritmo como questão nas manifestações verbais singulares do autista. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 15(4), 781-797. Recuperado em 02/06/2026 em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-47142012000400003>>

- Catão, I. (2005). *A voz na constituição do sujeito e na clínica do autismo: o nascimento do Outro e suas vicissitudes*. Tese de Doutorado, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Catão, I. (2009). *O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo*. São Paulo: Instituto Langage.
- Cavani-Jorge, A. L. (1988). *O acalanto e o horror*. São Paulo: Escuta.
- Didier-Weill, A. (1997). *Nota azul: Freud, Lacan e a arte*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Didier-Weill, A. (1999). *Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Elia, L. F. (2007). O dispositivo psicanalítico ampliado e sua aplicação na clínica institucional pública de saúde mental infanto-juvenil. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 7(3), 253-260. Recuperado em 02/06/2026 em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v7n3/v7n3a18.pdf>>.
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 1, pp. 333-454). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (1996). Os instintos e suas vicissitudes. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 14, pp. 115-146). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915).
- Freud, S. (1996). Inibições, sintomas e ansiedade. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 20, pp. 79-171). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1926).
- Freud, S. (1996). Além do princípio de prazer. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18, pp. 17-75). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1920).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra original publicada em 1973).
- Laznik, M.-C. (2000). A voz como primeiro objeto da pulsão oral. *Estilos da Clínica*, 5(8), 80-93. Recuperado em 02/06/2026 em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v5n8/08.pdf>>.
- Silva, E. X. L., Silva, L. R., Ferrari, A. G. & Silva, M. R. (2024). Os fenômenos transicionais de Winnicott como conceito operador metodológico para a pesquisa psicanalítica. *Psicologia USP*, 35, e210063. Recuperado em 02/06/2026 em: <<https://doi.org/10.1590/0103-6564e210063>>.
- Silva, M. R., Oliveira, B. C. & Ferrari, A. G. (2022). Da experiência ao relato clínico: desafios do registro em uma pesquisa psicanalítica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 25(2), 31-38. Recuperado em 02/06/2026 em: <<https://doi.org/10.1590/1809-44142022-02-04>>.
- Stahlschmidt, A. P. M. (2007). Do direito a uma canção de ninar. *Correio da APPOA – Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 163, 27-33. Recuperado em 28/02/2025 em: <<https://appoa.org.br/uploads/arquivos/correio/correio163.pdf>>.
- Stahlschmidt, A. P. M. (2008). Nos prelúdios da vida. *Correio da APPOA – Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 165, 3-11. Recuperado em 28/02/2025 em: <<https://appoa.org.br/uploads/arquivos/correio/correio165.pdf>>.

Jung, R.O., Silva, M.R., Ferrari, A.G.

- Vivès, J.-M. (2009). Para introduzir a questão da pulsão invocante. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 12(2), 329-341. Recuperado em 02/06/2026 em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-47142009000200007>>.
- Vivès, J.-M. (2018). *Variações psicanalíticas sobre a voz e a pulsão invocante*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Vivès, J.-M. (2019). A pulsão invocante e os destinos da voz. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 7(1), 186-202.

**Between a full house and the loneliness of sleep: the practice of lullabies
with children and adolescents in institutional care**

Abstract

The article proposes reflections on the practice of lullabies with children in institutional care. Music and its relation to sleep and to the constitution of the subject are the central axis of the intervention proposal, which follows a psychoanalytic theoretical orientation. The text also addresses subjective and relational aspects in caregiving practices within institutional settings. The results are presented as subjective effects of institutional care on children and adolescents, perceptions of care relationships in these institutional spaces, and the contributions of the practice. From this analysis, the lullaby was identified as a powerful element not only for the processes of preparing for sleep but also for working through the trauma of separation in the context of institutional care.

Keywords: Lullaby. Invocatory drive. Institutional care. Childhood. Ensuring other.

**Entre la casa llena y la soledad del sueño: la práctica del arrullo
con niños y adolescentes acogidos en institución**

Resumen

El artículo propone reflexiones sobre la práctica del arrullo con niños en acogimiento institucional. La música y su relación con el dormir y con la constitución del sujeto constituyen el eje central de la propuesta de intervención, que sigue una orientación teórica psicoanalítica. El texto también aborda aspectos subjetivos y relacionales en las prácticas de cuidado en entornos institucionales. Los resultados se presentan como efectos subjetivos del acogimiento institucional en niños y adolescentes, percepciones de las relaciones de cuidado en estos espacios institucionales y aportes de la práctica. Del análisis de estas cuestiones, el arrullo se identificó como un elemento potente tanto para los procesos de preparación para dormir como para la elaboración del trauma de la separación en el contexto del acogimiento institucional.

Palabras clave: Arrullo. Pulsión invocante. Acogimiento institucional. Infancia. Próximo asegurador.

**Entre uma maison pleine et la solitude du sommeil : la pratique des berceuses
avec des enfants et des adolescents placés en institution**

Résumé

L'article propose une réflexion sur la pratique du bercement chanté avec des enfants en accueil institutionnel. La musique et son rapport au sommeil ainsi qu'à la constitution du sujet constituent l'axe central de la proposition d'intervention, qui s'appuie sur une orientation théorique psychanalytique. Le texte aborde également les dimensions subjectives et relationnelles des pratiques de soin en milieu institutionnel. Les résultats se présentent comme des effets subjectifs de l'accueil institutionnel chez les enfants et les adolescents, des perceptions des relations de soin dans ces espaces institutionnels et des contributions de la pratique. De cette analyse, le bercement chanté se révèle comme un élément puissant, tant pour la préparation au sommeil que pour l'élaboration du traumatisme de la séparation dans le contexte de l'accueil institutionnel.

Mots-clés: Berceuse. Pulsion invocante. Accueil institutionnel. Enfance. Prochain sécurisant.

Recebido em: 17/06/2025

Revisado em: 25/08/2025

Aceito em: 03/09/2025